

Facilitar validação de diploma do exterior põe a população em risco

A Sociedade Brasileira de Cardiologia denunciou, no começo do ano, que a anunciada “facilitação” do exame para que formados em Medicina no estrangeiro, especialmente em Cuba, tenham seu diploma validado poderá pôr em risco a vida da população brasileira.

A manifestação da SBC vem a propósito da notícia de que após o retumbante fracasso do “teste-piloto” de legitimação dos diplomas, em que, de 628 “médicos”, 626 foram reprovados, a Secretaria de Educação Superior do MEC promete preparar novo edital para dar mais uma oportunidade, com nota de corte mais baixa e, ainda, estuda fazer que o teste teórico deixe de ser eliminatório.

Para o presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, Jorge Ilha Guimarães, basta olhar os sites que anunciam na internet “Curso de Medicina em Cuba, México e Bolívia - sem vestibular - dicas grátis”, para ficar patente que os milhares de jovens que se inscrevem nesses cursos são os que não conseguiram entrar nas Faculdades de Medicina do Brasil, “mesmo naquelas que têm sido por nós criticadas por deixarem a desejar na qualidade de ensino”.

“Esses estudantes buscam se formar em cursos mais fáceis no exterior, na esperança de que através da pressão política consigam validar seus diplomas”, diz o presidente da SBC, “mas se for garantido o direito de clinicar a um profissional com capacitação insuficiente, a saúde e mesmo a vida dos pacientes estarão sendo colocadas em risco”.

Jorge Ilha lembra que, da primeira vez em que se abriu o debate sobre a validação dos diplomas cubanos, uma missão da Universidade de São

Paulo enviada a Cuba concluiu que, nas escolas daquele país, “nada se ensina sobre o Sistema de Saúde do Brasil”, e nem há referências sobre doenças erradicadas em Cuba, mas que persistem em nosso território.

Recorda que a reação do então chefe da Divisão de Assuntos Internacionais da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação, Arsênio Becker, não se prendeu à capacitação dos formados no exterior, mas afirmou, taxativamente: “há razões ideológicas e políticas para validar esses diplomas: o ex-presidente Lula é amigo de Fidel”.

Jorge Ilha diz que a pressão política pela revalidação dos diplomas não pode superar a análise isenta e técnica da capacidade desses estudantes que “procuram um caminho fácil para que possam exercer uma profissão difícil e extremamente exigente”.

Os cardiologistas, por exemplo, se sacrificaram ao cursar por seis anos uma faculdade, se esforçaram no exigente trabalho da Residência Médica e, depois disso, se sujeitaram ao abrangente exame promovido pela SBC, para que só então pudessem receber da Associação Médica Brasileira o “título de especialista”, garantia oficial ao cliente de que o profissional que o atende está plenamente capacitado.

A esperança do presidente da SBC é que a Justiça, que tradicionalmente vem barrando as várias tentativas de liberar os jovens formados em medicina no exterior para trabalharem no Brasil, impeça o que chama de “mais uma tentativa de aviltar uma das mais nobres profissões, muitas vezes apontada corretamente como verdadeiro sacerdócio”.

“

Se for garantido o direito de clinicar a um profissional com capacitação insuficiente, a saúde e mesmo a vida dos pacientes estarão sendo colocadas em risco.

”